

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: E tentaram jogar uma bomba por cima pelo telhado, achando que ia atingir a casa, e se encheram lá de escrito, “Casa de Comunistas”, “você vão morrer”, “abaixo os comunistas”, tudo coisa desse tipo. Mas, historicamente nós também perdoamos sempre. Nós temos muita poucas fotos da casa toda pichada, explodida e tal. E pra sorte nossa, sorte no chamado bom sentido, na esquina de Espírito Santo com Álvares Cabral e... Quela rua que sobe ali Bernardo Guimarães, não sei... Guajajaras não. Timbiras! Timbiras. Naquela esquininha ali, quando o trânsito era menor, tinha um pipoqueiro que tinha um carrinho, daqueles carrinhos de pipoqueiro, parado ali toda noite. O pipoqueiro foi única testemunha dos irresponsáveis que puseram as bombas lá. Nós só soubemos disso no dia seguinte. Aí procuramos o pipoqueiro, nunca mais o achamos e aí ele nunca mais foi vender pipoca naquela esquina depois da noite infeliz das bombas na Casa dos Jornalistas. Isso foi naquela época em que eles estavam pondo fogo em banca de jornal, tentando intimidar jornalista e imprensa, comunicação e tal. Bom, e pra encerrar esse caso, eu vou contar dois casos, é... Assim, pra amainar um pouco que aconteceu no DOPS. Jarbas Juarez Antunes, jornalista de formação, mas um artista maravilhoso, pintor fora de série, foi preso também e levado para o DOPS. E o Jarbas quando criança foi criado em fazenda, no interior. Aí puseram ele para sentar num banquinho que frequentou lá, tinha um banco de pau, banco de madeira assim no corredor, no andar, primeiro andar do DOPS. Eles pediam todo mundo para ficar sentado ali esperando. E sempre ficava ali horas esperando, até que alguém perguntasse “o quê que você tá fazendo aqui?” “Não, tô esperando.” “Ah! tá.” Você ficava mais putô. O Jarbas Juarez preso, num sabia porquê, ninguém falou com ele porquê, mandaram ele sentar lá no cadeira, no banco de pau e ele ficou lá sentado. Aí num determinado momento, cansado de esperar, pôs as duas mãos assim, abaixou a cabeça. De repente, chega um camarada com uma caixa de papelão e finge que a caixa abre, quando ele chega perto do Jarbas, ele “Ow!” Caiu uma cobra desse tamanho no meio das pernas do Jarbas. O Jarbas nem pisco, segundo o Jarbas. Acostumado a pegar a cobra com a mão na fazenda, bobagem. O cara jogou a cobra no meio das pernas do Jarbas e falou “Estranho. Você não reagiu.” Ele falou, “ah, cara, eu tô acostumado a pegar cobra na roça é com a mão.” Ele foi e pegou e falou, “ah, porque se você fosse culpado, você tinha dado um pulo”. Bom, o outro também tá aí vivo pra conta, o nosso grande companheiro Luiz Dulce, foi preso no DOPS e ficou lá naquele xadrez, no andar de baixo, descendo a escada. E Dídimo e eu fomos lá pra tentar libertar algum jornalista que tinha sido preso no dia anterior e o Dídimo, como fez com vários outros companheiros, ele costumava libertar jornalistas justificando que era gente, que era profissional e

tanam, e tinha fiador. Ele assinava o documento se responsabilizando pelo comportamento do colega que ia sair da prisão, se comprometia a voltar pra depor e tal, pelo menos aconteceu com alguns colegas, felizmente, fruto do prestígio pessoal. É... Então nós fomos visitar pra libertar um colega, que eu agora não me lembro de cabeça quem era, e o Luiz Dulce tava lá, foi preso lá na cela. Aí perguntamos o que tinha acontecido, não sei o quê e tal, ele então conta que ele (Trecho incompreensível), que ele estava com uma otite grave, já de dias. Quem já teve otite sabe o quê que é a dor de otite. Sem tratamento, né?! Otite, labirintismo, encontramos seu ouvido infeccionado e a dor podia estourar a cabeça. Aí ele revelou que tava com otite, precisava de um atendimento médico e tal, não tinha. Nós então, Dídimo e eu, falamos pra ele que ia tentar uma solução pelo menos para ele ser medicado. Aí me lembro que nós tínhamos uma relação boa com um médico... Não lembro agora... Que era médico da Polícia Civil, mas médico do Detran, mas era da Polícia Civil. Morava na Santo Agostinho, (Trecho incompreensível) uma daquelas delegacia, eu tô... Talvez eu lembro o nome depois. Muito bem. Aí fomos procurá-lo e contamos pra ele o caso pra ver se ele poderia pelo menos ir lá arranjar um otorrino ou indicar um antibiótico, qualquer coisa, pra passa a dor. Como que cê deixa um cara? Aí nós conversamos com algum daqueles delegados lá, que estava de plantão, ele falou, “ah não, eu não posso tirar ele daqui não, porque ele tem que responder não sei o quê, tem que fazer uma poção de coisa”. Por isso fomos atrás do doutor... Eu esqueci o nome do... Ele foi lá, conseguiu que o Luiz fosse atendido e, naquele momento, não tinha nada que justificasse a prisão. É aquele tipo assim, “prende 5”, “Ah! tem um sexto”, “ah! Esse daí leva também”. Então eu tô contando esses caso é porque nós tivemos vários companheiros que também foram presos assim. Alguém dava um nome, buscava, levava e prendia. Se ele descobrir 2, 3 dias depois, o quê que fez. Não, era jornalista, porque falaram que não sei o quê, que negócio da célula, testemunha de fala em célula, que era da célula e sei lá. Bom, eu encerro dizem para vocês o seguinte: o estrago da censura nos meios, nos veículos de comunicação aqui em Minas Gerais foi grande, porque ajudou a desinformar o leitorado mineiro e quem comprava jornal achando que tava recebendo a informação, todas as informações. Mas o fundamental do efeito na visão dos milicos, do efeito positivo da censura na imprensa mineira foi a complacência e o apoio dos donos de jornais. Se não fosse a natural participação deles de aceitar algo, censura proposta pelos comandos militares, nós teríamos algumas brigas boas aqui. Mas como Minas não costuma brigar muito pela suas coisas, isso é mais um relato que diz que mineiro trabalha em silêncio, né?! Foi isso mesmo que o Magalhães falou. Trabalha em silêncio, mas as brigas boas a gente tem dispensado muitas.

Um abraço grande para vocês, obrigado e falo igual o Lindebergh. Espero que tenhamos aprendido com o (Trecho incompreensível) e essa comissão é a melhor prova de que que luta nunca (Trecho incompreensível). Obrigado a vocês.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Desculpa se a gente está num horário meio apertado também, né?!

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: (Trecho incompreensível) vou sair aqui umas 15 pras 5. Mas é bom... Num é, gente? Ficar ouvindo... Se pudesse ficar o tempo todo... Então, veja bem, eu participei do (Trecho incompreensível). Ele começou, pra (Trecho incompreensível) a busca de (Trecho incompreensível) 76, fez 40 anos (Trecho incompreensível). O jornal foi ali na Cidade Industrial, nome genérico, né?! A redação era no Barreiro, perto de onde hoje é o viaduto, e só tinha voluntários. Não tinha ninguém contratado, só voluntário mesmo. Analistas que trabalhavam no Diário do Comércio, Estado de Minas, outros lugares, e que trabalhavam com um trabalho político, um desafio de produção de jornal na periferia pra quem não lia jornais. Praticamente não tinha bancas, e jornais mais vendido era segunda-feira, o Diário da Tarde por causa do futebol e do crime. Os crimes também eram uma parte que acontece no fim de semana. E o povo não tinha o hábito de leitura. E nós queríamos fazer um jornal para esse povo. Um jornal político, mas não político como eram o Opinião, (Trecho incompreensível), o Tempo, (Trecho incompreensível). Jornais... Um jornal praquele público específico. E foi muito interessante, uma experiência muito boa. E era difícil de vigiar. Primeiro que já era em 76, a fase não tão aguda, né?! Posterior a de 5, 360 foi até 74, 75. Nunca deixou de haver a impressão, mas... Uma redução desse controle sobre a mídia tradicional, não sobre os jornais que tinham posição, o movimento sempre foi muito censurado, O Tempo também, Opinião também, vários outros jornais, vários, esse título, existia (Trecho incompreensível) mesmo. O nosso não tinha como censurar, porque ele não tratava de temas de esfera políticos, tratava do... Da vida do povo. Dos bairros pólipos, a falta de serviços de saúde, educação, (Trecho incompreensível) pública, transporte, enchentes, asfalto, a vida do povo. O esporte era dar, (Trecho incompreensível) era esporte que o povo praticava. Tinha pouquíssimo perto do policial. Isso aí o Diário da Tarde fazia isso e aí o rádio fazia isso também, muito. Então nós tínhamos vigilância. Vigilância, sabíamos que estávamos sendo vigiados. Casa nos seguia, são pessoas que vigiavam, de vez em quando entrava na casa de uma das pessoa e não roubava nada, só mexia nos papéis. Imagina, (Trecho incompreensível) recados. Mas especialmente teve um fato no dia 01 de maio de 1979. O fato mais marcante com relação à ditadura. Havia uma missa, desde 77, missa do 1º de maio, 77, 78 e 79, 3ª missa. Lotava os

pátios das pastorais operárias, juventude etc. Pastorais que ficavam pedindo libertação, oração pelos pobres e as comunidades eclesiais de base, os bairros vindo em caravanas para participar da missa. E depois da missa tinha uma passeata curta até a Praça do Trabalhador, uns 500 metros mais ou menos. E lá tinha um ato chamado pelos sindicatos ou por oposições sindicais. Esse ato não era permitido. Não era um pedido de licença. Para isso um ato mesmo já de enfrentamento, de confronto. Era o que... Todos falavam e tal. Aí o Virgílio Guimarães, que era do Dieese, (Trecho incompreensível) sindical que tem associado ao sindicato e era ele próprio, o presidente do sindicato dos economistas. Muito relacionado todo a esse mundo sindical que pode surgir, uma atitude do sindicalismo, o sindicalismo autêntico, né?! Ele chegou com a notícia que o, é... Sérgio Fleury tinha morrido. Delegado Fleury era um símbolo da ditadura, homem corrupto, qualquer (Trecho incompreensível), supostamente um acidente, né?! Que ele deu uma forma de subir num quarto, o quarto teria deslocado, bateu a cabeça e morreu. E pra... Todos os exames foram feitos pelos próprios policiais, a gente nunca vai saber a verdade do que realmente aconteceu ali. Mas o fato é que, a gente nunca fica alegre quando alguém morre, mas ali eu confesso que houve uma certa alegria com a notícia da morte do Fleury. Enquanto nós vamos para o Jornal dos Pais, que era no Barreiro, ali perto. Não tinha nada. Só tinha coisa velha. Não era profissional, era um jornal comercial. Então tudo era só tralha velha, as cadeiras, as máquinas, as mesas, tudo, filtro, tudo 3ª mão, dá nada. Roubaram tudo, durante a noite, no dia 30 de abril para o 1 de maio. Do mesmo modo, aconteceu de o Getec, que era uma fundação também, uma ONG, na mesma rua, atrás do viaduto, era o Felipe Aranha que era ex-padre, cadeirante, teve uma (Trecho incompreensível) cadeirante, (Trecho incompreensível). E montou. Morreu lá no Araguaia. (Trecho incompreensível) Araguaia. Ele era também (Trecho incompreensível) porque eles roubaram tudo no Getec. E tinha outro no Barreiro que chamava Centro do Instituto do Trabalho, era um grupo também que fazia publicações pro poder sindical, mas se especializou em quadrinhos, história em quadrinhos. Interessante também, mas fazia pesquisas, (Trecho incompreensível) roubaram tudo. E na vida em São Paulo (Trecho incompreensível), traz o Pastificio Vilma (Trecho incompreensível), hoje é aliás uma ótima massa. Eu também sempre pela (Trecho incompreensível) apenas 4 organizações que lidavam na periferia da Cidade Industrial, eles roubaram tudo. Sabe um caminhão, pelo menos nos contaram, encostou e desceram as pessoas para atirar em tudo, durante a noite. (Trecho incompreensível) descobrimos depois que era agência da P2, uma Polícia Secreta da Policial Militar, é PM-02. Acho que P2, era esse pessoal. Na impossibilidade de censurar, não tinha o que censurar. Censurar o

quê? O cotidiano dos trabalhadores que (Trecho incompreensível), é uma (Trecho incompreensível) isso. As outras organizações também. Nenhuma delas ile... Todas eram legalizadas, não fazia absolutamente nada de ilegal, ter que pedir permissão de nada pra ninguém, e afora a vigilância, maneira de atingir foi essa. Foi de causar um dano forte. Mas também... Puxa, quase tô fazendo um comunicado de que tinha acontecido isso. Nós recebemos tudo de volta das pessoas e a melhor qualidade, foi muito bom. Cadeiras, sofás, máquinas melhores que as que nós tínhamos. Então foi na semana seguinte fizemo um jornal quinzenal, fizemos um jornal explicando o quê que tinha acontecido. Fizemos uma festa no Clube Comercial do Barreiro, entupiu de gente as festas, eram suer... Muito concorridas para poder arrecadar fundos para, né?! Poder bancar a continuidade do que perdeu e etc. Então foi isso. Um fato, eu acho que relevante para mostrar, porque ante a impossibilidade da censura, não havia o que censurar, aí foram lá causar um dano nessas instituições, organizações, Ong's, entidades que realizavam com pouco. E eles não sabiam como lidar com isso, porque os jornais O Tempo e (Trecho incompreensível) eram jornais políticos, trabalhavam pro núcleo da política, a repressão... Na ditadura a repressão é uma marca essencial da política. Está sempre presente, a repressão é que faz com que a política perca o... Serviço é um bem comum. Sendo só permitido por quem detém o poder, mas... Enfim. Mas eu queria também deixar um recado que... O DOPS foi durante décadas o símbolo da repressão no Brasil, mesmo durante o período onde abertamente ditatorial. É como o Eduardo Ghemeli chamava de democraduras ou ditabranças, né? Teve em 46, teve uma constituição democrática, mas em 48 partido comunista foi proibido, colocaram na ilegalidade. Uma difícil... (Trecho incompreensível) PC do B, e aí, não, o PC do B é um partido vinculado a uma entidade internacional, a (Trecho incompreensível), é óbvio. Não pode, foi cassado pelo STF. (Trecho incompreensível) coisa do STF, essa coisa é antiga. Era a Suprema Corte do país cassou. Por isso aí, por esse único motivo. Tinha o senador mais votado da história do Brasil, Luiz Carlos Prestes. Àquela época, senador podia ser eleito em vários estados. Teve votos em 07 estados, mais de 200.000 votos. Corresponderia hoje a 20 milhões, 30 milhões de votos. Eram mais. Se atualizasse, se fizesse essa proporção. E tinha 16 deputados federais constituintes. Constituição de 46, ela ia sair da clandestinidade. É comum. (Trecho incompreensível) um monte de (Trecho incompreensível). Hein? Jorge Amado. Estava arrumando a fundação do PC do B, João Amazonas, Pedro (Trecho incompreensível), esse povo foi constituinte. Aí era um partido importante e que apesar de ter saído da clandestinidade, porque realmente Prestes ficou 9 anos preso, saiu da prisão quando foi eleito. Senador mais votado na

história do Brasil, né?! E então o partido.... Por isso que ele fala que é uma democracia relativa. Existia o DOPS. Esse DOPS na Afonso Pena foi construído em 48, e a função dele, Delegacia de Ordem Política e Social. E um século antes, ele chamou DVS, Delegacia de Vigilância Social, depois passou a se chamar DOPS. Ou seja, como que uma democracia precisa de uma delegacia pra... De ordem política, ou seja, pra fazer a repressão da dissidência política e social. Para criminalizar o conflito social. Então até 64, aquele DOPS entrava, liderança de... Das favelas, ou das ocupações das terras do Doutor Luciano. Ou dos sindicatos que confrontavam com o poder de plantão, não é isso? Com os rebeldes de qualquer natureza. Entravam sempre ali. E a partir de 64 tornou-se o lugar da repressão, todo mundo tinha que passar por lá, isso aqui passar. Mesmo se fosse preso por um ou por outro, pelo exército que era, que era... Aqui tinha um (Trecho incompreensível) então tinha (Trecho incompreensível) não sei se (Trecho incompreensível) aeronáutica. Então mesmo para legalizar a prisão tinha que ser no DOPS. O pessoal tinha que ser levado para lá pra fazer um cartório, dar início aos processos previsto na segurança nacional. Era obrigatório levar no DOPS. Nenhum processo se iniciava sem passar pelo DOPS e o DOPS também fazia repressão direta. A pessoa ficando presa pelo DOPS que levasse para lá, e chegavam a ficar muito tempo (Trecho incompreensível) quase um ano e, enfim... Então esse DOPS depois da Constituição Federal foi extinto. Não podia mais ter DOPS. Mas ele continua existindo durante algum um tempo. Ainda fez prisões de ordem social. Gente, ordem social não existia mais, preso político, mas tinha preso do conflito, pelo sindicalismo, na luta pela terra, as lutas dos de baixo, que fazem, não é?! Como é?

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: (Trecho incompreensível)

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Pois é, aí... atualmente ele estava na parte de baixo, ali tem as celas, era um CERESP, é Centro de Recolhimento Provisório de Mulheres. Muito degradante, muito indigno, você anda ali, são poucas celas, quem passou por lá, não quis passar por lá. Chegou a ter 150 mulheres presas. O lugar para tomar sol é simplesmente pequeno. Agora foram todas saíram de lá e ainda tem uma... A delegacia de combate às drogas, enfrentamento às drogas. Na parte de cima no primeiro andar, no segundo, terceiro, 01, 02, 03... Lá tem 100 investigadores, 10 delegados, mas vão sair de lá também. E lá vai ser transformado em um memorial de direitos humanos. Né?! Então isso aqui faz parte da pauta da reunião que a gente fez para começar a definir como é que vai ser isso. Nossa previsão é que esse ano comece a funcionar o memorial dos direitos humanos lá. E recompor as celas tais como eram para que estudantes da rede municipal, estadual, de qualquer lugar possam fazer visitas periódicas para

conhecer como funcionava a repressão. Tudo isso que está sendo contado aqui, aqui uma pequena parte, um tiquinho, mas a (Trecho incompreensível) muitos mais casos. É o tipo de repressão que também é muito dolorida, por sinal, não é? E assassinatos, morte de pessoas. Então são coisas... Ali vai ser um centro de memória. Uma parte, parte dos arquivos, os arquivos referentes a isso irão para lá digitalizados, qualquer um vai ter acesso e muito focado na cultura. Na lembrança através da cultura. Durante o período da ditadura teve 1.500 músicas censuradas, 470 peças de teatro censuradas, mas tudo isso pode ser colocado à disposição da geração presente e futuras, né?! Para também, sobretudo, com esse intuito de mostra que é incompatível na democracia ter uma delegacia de ordem político social. Você não pode coibir a dissidência política e muito menos conflitos. Então o conflito... Onde há repressão em conflito, independente de uma sociedade classes, uma sociedade desigual, como é que você pune? Como que você criminaliza? É para simbolizar um período que não pode ter, porque houve (Trecho incompreensível) inclusive (Trecho incompreensível) 46 até 64, mas sobretudo no período ditatorial, inclusive durante o processo da constituinte, até a conclusão da Constituição que, passados alguns anos, em 89 que ele foi extinto como Delegacia de Ordem Política e Social. Mesmo assim, estava presentes, foi difícilíssimo recuperar os arquivos do DOPS. Durante muito tempo disseram que o arquivo não existia, que tinha sido destruído. Então são muitos anos depois se recuperou uns 90 rolos, né?! Arquivos... E agora receberam mais 500 rolos que ainda não está à disposição ainda, não foram trabalhados ainda, vão ser. Então, quer dizer, também... A Comissão da Verdade está fazendo esse trabalho para divulgar esse ano o seu relatório, não é? Que apurou nos eixos do que foi dito. (Trecho incompreensível) mas aí teremos um lugar em Minas Gerais simbólico, foi só em Belo Horizonte, aqui falou-se no Pandiá Calógeras, não é? Que serviu para reunir melicianos, isso aconteceu... Repressão teve por todo canto. A comissão da verdade vai revelar tudo isso, tudo isso, pode saber (Trecho incompreensível) que chegou ao seu conhecimento, ela buscou a verdade. Mas de qualquer maneira, acho que o DOPS tem que virar um monumento do que não pode mais acontecer. Se nós somos democratas radicais, nós não podemos admitir nem (Trecho incompreensível) social e muito menos da dissidência política e da liberdade, pela organização, prestação, expressão de outras liberdades, enfim, o que sintetiza a ideia de democracia então... Também nós vamos, oportunamente, fazer atividades aqui e todos aqui poderão, vão saber, preparatórios. O fato é que até o fim do ano nós temos o DOPS com outra função.



I D E I A S E I N O V A Ç Õ E S

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: O trabalho, pedindo desculpa à coordenadora e aos nossos convidados e vou convidar o Jurandir Pessequini, que é o nosso coordenador-adjunto e também é jornalista para compor a mesa aqui no nosso lugar, na companhia da Professora Ceci.